

# CRÔNICAS E ENTREVISTAS: DIÁLOGOS POSSÍVEIS COM CLARICE LISPECTOR

## *CHRONICLES AND INTERVIEWS: POSSIBLE DIALOGUES WITH CLARICE LISPECTOR*

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

UESPI

Maria Luísa de Castro Soares

UTAD/CECH - UC

**Resumo:** Vida e obra de Clarice Lispector constituem um complexo campo de análise, ao qual já se voltaram diversos estudiosos, de várias áreas disciplinares e sob enfoques diferentes, tanto no Brasil como em outros países. A obra literária de Clarice Lispector reflete-se e tem reflexos em sua atividade jornalística - espaçada mas insistente até os últimos meses de vida. Essa confluência tem espaço privilegiado em *De Corpo Inteiro* e *A Descoberta do Mundo*, no exercício de voltar-se para o outro, aceitando alguns limites impostos pela atividade jornalística. Neste artigo, realizamos um levantamento de algumas entrevistas e crônicas que compõem os livros *De corpo inteiro* e *A descoberta do mundo*, respectivamente, mantendo uma interseção entre jornalismo e literatura, mostrando um reflexo da personalidade da escritora-jornalista. Embasam nosso percurso analítico as reflexões de Sá (1999), Lejeune (1998), Ferreira (1999), Gotlib (1995), Garcia (1997), Guidin (1998), Vieira (1998) e Nunes (2006).

**Palavras-chave:** Clarice Lispector; Crônica e entrevista; Jornalismo e Literatura.

**Abstract:** *Clarice Lispector's life and work constitute a complex field of analysis, to which several scholars, from different disciplinary areas and with different approaches, have already turned, both in Brazil and in other countries. Clarice Lispector's literary work is reflected and reflected in her journalistic activity - spaced but insistent until the last months of her life. This confluence, in our view, has a privileged space in De corpo inteiro and A descoberta do mundo, in the exercise of turning to the other, accepting some limits imposed by journalistic activity. In this article, we conducted a survey of some interviews and chronicles that compose the books De corpo inteiro and A descoberta do mundo, respectively, maintaining an intersection between journalism and literature, making the referred texts different, showing a reflection of the writer-journalist's personality. The reflections of Sá (1999), Lejeune (1998), Ferreira (1999), Gotlib (1995), Garcia (1997), Guidin (1998), Vieira (1998) and Nunes (2006) are the basis of our analytical path.*

**Keywords:** *Clarice Lispector; Chronicle and Interview; Journalism and Literature.*

## INTRODUÇÃO

“A trajetória somos nós mesmos”.

(Clarice Lispector)

À época da publicação do primeiro romance de Clarice Lispector - *Perto do coração selvagem*, cuja primeira edição data de 1943 - a literatura brasileira é marcada pelo romance regionalista. *Perto do coração selvagem* é recebido com certo estranhamento, pela sua narrativa intimista, pela estrutura incomum ao que se conhecia do gênero romance. Junto com o regionalismo peculiar de Guimarães Rosa, inaugura-se o período convencionalmente chamado de terceiro tempo modernista. Cada um à sua maneira, Rosa e Clarice mexem com as estruturas da literatura brasileira, elastecendo as fronteiras entre os gêneros, fundindo o conteúdo à forma, explorando as potencialidades da linguagem ao limite.

A escrita de Clarice Lispector volta-se para questões essenciais - mistérios por desvendar - como o tempo, a individualidade, o amor, a existência humana e volta-se, também, para si mesma. A autora, ao mesmo tempo em que tenta extrair da linguagem toda a sua potencialidade, esculpindo forma/conteúdo em busca das soluções para seus enigmas, reflete sobre seu próprio fazer literário. É a palavra questionando a palavra, a criação literária esmiuçando-se, o texto em metalinguagem.

Muitas linhas correm sobre o papel a respeito da produção de Clarice Lispector, uma vez que ela, ao escrever, também se escrevia nas entrelinhas da escritura, deixando na grafia não só as pegadas de tal prática, como também daquele que a praticou. Desse modo, ao discutirmos aqui o processo de criação operacionalizado por Clarice Lispector, um corpo, paralelo ao corpo escritural, se apresenta no cenário do texto, constituindo ambos a “prática de escrever” que conceitua o que vem a ser escritura.

O estilo clariceano se apresenta como expressão de dupla contradição que consiste em evidenciar também a obra da jornalista, pois este aspecto é notório nas crônicas e nas entrevistas.

Antes da publicação do seu primeiro romance, Clarice Lispector já era jornalista, atividade que exerceu até seus últimos dias. A carreira jornalística corria paralelamente à literária e, mesmo nas suas viagens pelo mundo na companhia do marido diplomata, a jornalista Clarice mandava as suas colaborações para o Brasil.

Neste artigo, daremos singular importância aos dois livros em que Clarice Lispector-jornalista se revela: *A Descoberta do Mundo* e *De Corpo Inteiro*.

## A JORNALISTA POR TRÁS DA ESCRITORA

No jornalismo, Clarice Lispector ingressa por volta de 1940, como redatora na Agência Nacional - que mais tarde seria transformada no Departamento de Imprensa e propaganda (DIP), subordinado ao presidente Getúlio Vargas. Lá, teve os primeiros contatos com nomes de destaque da cultura nacional da época. Como repórter de *A Noite*, teve o seu primeiro registro profissional

em 2 de março de 1942. Daí por diante, até o fim da vida, a escritora teve várias e espaçadas participações no jornalismo brasileiro, ora morando no Rio de Janeiro, ora como correspondente no exterior, onde acompanhava o marido diplomata.

O jornalismo ofereceu, muitas vezes, a garantia financeira que a literatura não lhe dava. Em algumas ocasiões, Clarice hesitava mesmo em assinar matérias jornalísticas. Esse sentimento está retratado nas cartas que lhe envia Fernando Sabino quando tentava convencê-lo a colaborar, de Washington, com a revista *Manchete*:

Tem que ser assinado, mas não tem importância, nós todos perdemos a vergonha e estamos assinando (...). Não se incomode muito com a qualidade literária porque é assinado - um título qualquer com Bilhete Americano, carta da América ou coisa parecida se encarregará de dar caráter de seção e portanto sem responsabilidade literária (SABINO *apud* GOTLIB, 1995, p. 296).

O fato é que, em algumas ocasiões, Clarice está nos jornais sob pseudônimos - ou melhor seria dizer na pele de personagens? No jornal *O Comício*, é Tereza Quadros que assina a página feminina, com “variedades” como receitas, dicas de beleza entre outras. No *Correio da Manhã*, a “personagem” é Helen Palmer, e para o jornal *Diário da Noite*, Clarice assume a pena de uma personagem real, assinando Ilka Soares, a atriz e manequim que emprestava seu nome e estampava seu rosto no alto da coluna feminina.

As atividades jornalística e literária caminharam paralelamente - e evitar que as mãos se dessem não estava ao alcance da autora, pois, são elásticos e inconstantes os limites entre estas duas atividades, confluentes.

Na coluna, Tereza Quadros apropria-se do poder criativo de sua “autora; no conto, Clarice Lispector lança mão do “pato jornalístico” que move a sua “personagem”. Segundo Nádia Battella Gotlib: O resultado é não a exclusão da escritora, mas sua participação um tanto simulada - ou fingida - sob a capa de uma “outra”, a Clarice -jornalista que, por sua vez, aparece como - e assinando o nome de Tereza Quadros, ser fictício ou mais uma personagem de Clarice Lispector. Quem sabe esse desdobramento poderia ser explicado também pela cumplicidade de duas - a escritora e a jornalista - que se reúnem numa terceira pessoa - Tereza Quadros (GOTLIB, 1995, p. 280).

Essa cumplicidade entre escritora e jornalista é um sinal da interinfluência entre as duas atividades e das influências que essas interinfluências terão na leitura de vida e obra de Clarice Lispector.

Podemos apontar dois momentos em que a obra de Clarice ocupa plenamente o espaço de interseção entre jornalismo e literatura: as crônicas, publicadas ao longo de sete anos de coluna semanal no *Jornal do Brasil* (algumas posteriormente reunidas no livro *A Descoberta do Mundo*), e as entrevistas, publicadas, primeiro, em *Manchete* e depois em *Fatos e Fotos* na seção “Diálogos Possíveis com Clarice Lispector”.

Fora da ficção, no espaço jornalístico da coluna - opinativo e, portanto, sem restrições à personalidade do jornalista - a autora mostra muito de si, relatando fatos de seu cotidiano, impressões, reações às críticas, reflexões sobre a sua própria obra. Mesmo contra a vontade da autora, *A Descoberta do Mundo*, reunindo várias dessas confissões pessoais publicadas no *Jornal do Brasil*, talvez seja uma das mais esclarecedoras “biografias” de Clarice Lispector. Na crônica “Fernando Pessoa me ajudando”, aponta diferenças entre o texto de sua produção literária e os que escreve para a coluna:

Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta? Mas que fazer? E que escrevo no correr da máquina e, quando vejo, revelei esta parte minha. Acho que se escrever sobre o problema da superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal. Daqui em breve serei popular? Isto me assusta. Vou ver o que posso fazer, se é que posso. O que me consola é a frase de Fernando Pessoa que vi citada: “Falar é o modo mais simples de nos tornarmos desconhecidos” (LISPECTOR, 1999, p. 137).

A experiência de cronista é totalmente nova para a escritora, assim como é um contato direto e pessoal - sem os escudos que a ficção literária oferece - com o leitor. Essa prática de escrever para o público amplo teve reflexos na narrativa literária de Clarice; de certa forma, levou-a a ultrapassar os limites de sua imersão intimista e a adotar, ainda que levemente, um pouco da “preocupação jornalística” com o leitor, como constata Márcia Guidin: “Encontrar o lugar do autor, aprendendo que o leitor é uma entidade viva que lê e comenta, mudará ao poucos o tom de Clarice em seus textos ficcionais” (GUIDIN, 1998, p. 21).

Nos “Diálogos Possíveis e, conseqüentemente, em *De Corpo Inteiro*, também vai imperar essa escrita mais leve e para muitos - tão própria do estilo jornalístico”. Estão muitas das questões que percorrem a obra literária de Clarice Lispector; neste espaço, ela usa a palavra para tentar alcançar o “indizível” do outro - perseguindo, ao mesmo tempo, o enigma de si e de todos os seres.

Na ficção, pois, é construindo inter-relações entre vozes ficcionais que Clarice vai trilhando o seu caminho rumo ao entendimento do *ser*. Mas essa tentativa de compreensão das essências, da própria existência humana - e, em paralelo, da existência da linguagem - transborda os limites da obra literária de Clarice Lispector, ocupando também um lugar no exercício do jornalismo - provavelmente porque, atrás da escritora e atrás da jornalista está o *ser* que busca seu caminho em si e no *outro*, como afirma na crônica “Em busca do outro”:

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser (...). Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso eu não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada (LISPECTOR, 1999, p. 118-119).

Em busca de *si* no *outro* se torna clara, a nosso ver, nos “Diálogos Possíveis”. As entrevistas reunidas em *De Corpo Inteiro* têm características singulares, cada uma, resultantes desse encontro de seres, dessa busca - mútua - do outro. Têm também características comuns entre elas - e que as diferenciam de qualquer outra entrevista - oriundas das inquietações da Clarice - entrevistadora e de seu olhar questionador singular em direção ao entrevistado, buscando ultrapassar a superfície; um olhar que quer absorver o que flui da consciência desse *outro*, na tentativa de desvendá-lo, descobrindo-se. Este olhar que vê através de palavras, tentando entrever a pura existência do *outro*; e, por vezes, tentando encontrar no olhar do *outro* o reflexo de seu próprio enigma.

## **OS “DIÁLOGOS POSSÍVEIS” EM *A DESCOBERTA DO MUNDO* E EM *DE CORPO INTEIRO***

Qualquer coisa que se diga de Clarice é uma suposição, ou melhor, uma interpretação das linhas e entrelinhas de uma história onde os limites entre real e ficção são tênues. A obra de Clarice diz muito de sua vida e de sua personalidade, mas por vezes confunde-se com personalidade e vida de seus personagens, os quais, por fim, fundem-se em obra e vida de sua criadora. Justifica-se, então a nossa fundamentação sobre o pacto autobiográfico, de Philippe Lejeune.

Fora da literatura, Clarice Lispector falou de si nas poucas entrevistas concedidas - mesmo aí, corre-se o risco de cair no enredo imaginário de uma personagem real. Esta imprecisão é inquietante para quem se debruça sobre sua vida.

Filósofos, psicólogos, críticos, literatos, jornalistas e biógrafos já se lançaram à tarefa de desvendar os mistérios de Clarice Lispector. Sua obra é um campo de estudos ilimitado, aberto a interpretações e enfoques os mais variados, tão denso e profundo é o mergulho que dá em si mesma e na alma. Sua personalidade multifacetada não é menos fascinante; para capturá-la, descrevê-la e analisá-la, parte-se de registros e documentos oficiais, de relatos de amigos e familiares, de vagas afirmações, de lembranças ficcionalizadas, de falas de personagens supostamente autobiográficos.

Philippe Lejeune, em *Le pacte autobiographique*, conceitua a autobiografia como: “Narração retrospectiva em prosa, que uma pessoa real faz de sua existência, pondo o acento sobre sua vida individual, em particular sobre a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1998, p. 2-3). E acrescenta: “constitui uma autobiografia toda obra que preenche, ao mesmo tempo, as condições indicadas em cada uma dessas categorias” (LEJEUNE, 1998, p. 3).

A palavra escrita é o denominador comum da multiplicidade clariceana. Autora e personagem, narradora e observadora, escritora e jornalista, entrevistada e entrevistadora, implícita e explícita: é na escrita que Clarice Lispector procura o seu canal de comunicação com o mundo e consigo mesma. “Eu não faço literatura: eu apenas vivo ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever” (LISPECTOR, 1991, p. 21).

Não buscamos aqui uma separação estanque: Clarice-literata e Clarice-jornalista. Ao contrário, o objetivo é mais uma “suposição de Clarice”: ser humano no equilíbrio criador e criatura, entre cotidiano e imaginário, na busca incessante do segredo não desvendado pela esfinge; segredo

que é o mistério de Clarice, o mistério da criação, o mistério de todos os seres, do existir, do estar no mundo ou passar por ele. A movê-la, podemos supor, está a tentativa de resgatar o mistério da vida, que é, enfim, a incógnita de si mesma, conforme escreveu Teresa Cristina Monteiro: “Nascia mais uma menina na família Lispector. O nome da criança? Haia, que em hebraico significa ‘vida’. Em plena fuga nascia Haia” (FERREIRA, 1999, p. 26).

Na coluna semanal, às vezes são publicadas entrevistas, pequenos contos, “noveletas”. As próprias crônicas, predominantes, variam no tom: com temas corriqueiros é linguagem simples, ou com “ousadias estruturais” bem próximas à linguagem dos contos ou romances. No entanto, há diferenças entre o texto jornalístico e literário; no espaço do jornal, muitos dos comentários voltam-se para questões factuais, a linguagem é geralmente mais simples e clara e há um “compromisso com o leitor mais rigoroso que na literatura”. A autora deixa clara essa diferença em várias passagens de seus textos – às vezes, tentando deixar nítida a diferença entre o material jornalístico e seus livros para não “corromper” a palavra literária. Assim, ela esclarece em *A Descoberta do Mundo*:

Hemingway e Camus foram bons jornalistas, sem prejuízo de sua literatura. Guardadíssimas as devidas e significativas proporções, era isto o que eu ambicionaria para mim, se tivesse fôlego. Mas tenho medo: escrever muito e sempre pode corromper a palavra (...). Outro problema: num jornal nunca se pode esquecer o leitor, ao passo que no livro fala-se com maior liberdade, sem compromisso imediato com ninguém. (...) Não há dúvida (...) de que eu valorizo muito mais o que escrevo em livros do que o que eu escrevo para jornais – isso sem, no entanto, deixar de escrever com gosto para o leitor de jornal (...)” (LISPECTOR, 1999, p. 421).

A autora percebe a “presença” do leitor não só através das cartas, presentes, telefonemas e visitas frequentes; mantém com o público um contato mais próximo, e reflete sobre este contato: “Sinto-me tão perto de quem me lê. E feliz por escrever para jornais que infundem respeito” (LISPECTOR, 1999, p. 95).

Telma Vieira (1998), apontando o caráter metalingüístico da ficção de Clarice Lispector afirma que, ao questionar, descrever e refletir sobre o processo criativo literário através do “fluxo da consciência” de seus personagens, a autora “ficcionaliza” todos os elementos próprios da criação literária: “A linguagem, na escrita clariceana, funciona como pólo de ficcionalização. É por intermédio do questionamento da linguagem, e sua aceitação, que autor, narrador, personagens e o próprio texto tornam-se elementos ficcionais” (VIEIRA, 1998, p. 30).

A maioria das entrevistas que compõem o livro *De Corpo Inteiro* foi feita, originalmente, para a publicação na revista semanal *Manchete* – segundo Nádya Gotlib (1995), 28 das 35 entrevistas do livro foram publicadas na revista, de onde Clarice Lispector foi colaboradora entre maio de 1968 e outubro de 1969, assinando a seção “Diálogos Possíveis com Clarice Lispector”. A estas, foram acrescentadas, para a publicação em livro, as entrevistas a Pablo Neruda, Alceu Amoroso Lima, Grauben, Benedito Nunes, Nélida Pinõn, Ney Braga e Reis Velloso. Algumas delas foram publicadas também no Jornal do Brasil – os diálogos com Tom Jobim, Pablo Neruda, Alceu Amoroso Lima,



Érico Veríssimo e Chico Buarque, por exemplo, foram publicados em trechos consecutivos na coluna semanal de Clarice Lispector e constam no volume de crônicas *A Descoberta do Mundo*.

Para Massaud Moisés, tais matérias jornalísticas, quando contém “algum achado que lhe justifique a inclusão em volume”, subaproveita estes “achados” que “ficam ali prodigamente disseminados, à espera de uma obra que os escolha e os explore convenientemente. (...) Obra elaborada sem o atropelo do jornal, visando a persistir e a ofertar ao leitor um prato sempre renovado e pleno de sugestões” (MOISÉS, 2000, p. 108).

Publicadas em livro, as entrevistas, se não sofrem alterações no seu conteúdo, passam a ser lidas, via de regra, com novo enfoque. Em conjunto, oferecem um retrato raro da escritora sem os escudos da ficção. Sem ofuscar o entrevistado, no livro o seu brilho sobressai: mostra-se em suas leituras do “outro”, nas questões recorrentes em sua literatura, nas impressões espalhadas sem regra, entrecortando o diálogo, nas interpretações que lhe fazem os entrevistados – alguns amigos de longa data. É a escritora na sua face repórter, para quem “o ser (...) apresenta uma face visível, sensorial, capaz de ser escolhida pela linguagem” e outra face “obscura e misteriosa, escondida, talvez impossível de se escrever” (SÁ, 1999, p. 17). A entrevistadora tenta captar o entrevistado da mesma maneira em que a escritora tenta desvendar seus personagens: através da linguagem, resultante de um esforço conjunto de todos os sentidos. Há uma dimensão que a palavra – jornalística ou literária – não toca e jamais tocará: mas Clarice continua à procura, na incessante tentativa de se apossar do “indizível”.

Grande parte das perguntas direcionadas aos seus entrevistados é feita por Clarice Lispector a ela mesma, repetidas vezes. São tentativas de descobrir o “é” das coisas e dos seres, desvendando-os e desvendando-se.

Na impossibilidade de analisar, uma a uma, as trinta e cinco entrevistas do livro *De Corpo Inteiro*, selecionamos algumas que estabelecem “diálogos possíveis” com o livro de crônicas *A Descoberta do Mundo*, dentre elas, a de Érico Veríssimo, Pablo Neruda, Marques Rabêlo e Tom Jobim. Este encontro resultou em dois retratos, ambos impressos em veículo jornalístico – *Manchete e Jornal do Brasil* – e literário – *De Corpo Inteiro* e *A Descoberta do Mundo*. A crônica de 16 de dezembro de 1973, “Desculpem, mas não sou profundo” é um dos espaços onde Clarice Lispector assume mais o papel de repórter. Reporta o encontro com Érico Veríssimo, contextualiza sua vida e sua obra, refere-se ao passado compartilhando, interpreta-o quase objetivamente, usando literalmente suas palavras – como se percebe ao comparar a crônica com a entrevista. Mas mesmo nesse retrato quase objetivo, Clarice Lispector não foge à personalidade: “Érico é um dos seres mais gostáveis que conheci; é uma pessoa humana de largura extraordinária” (LISPECTOR, 1999, p. 440).

Apesar de usar “estratégias narrativas” diferentes nos dois textos, a semelhança entre os dois os reduz quase ao mesmo, ou à cópia um do outro, seguindo inclusive, a mesma ordem de fatos e frases. Nos dois relatos, repetem-se as palavras, mas também as que registram as impressões de Clarice Lispector. Impressões que, seguindo o que seria um técnico recorrente, servem para provocar o entrevistado a revelar-se numa reação. “Você, Érico, é uma das pessoas mais agradáveis que conheci. Você é uma pessoa humana de largura extraordinária: que é que me diz disso?”

(LISPECTOR, 1999b, p. 23).

Mesmo se dirigindo, na maior parte do tempo, ao escritor Érico Veríssimo – e, na maior parte do tempo, como a escritora C.L. – não lhes escapam outros aspectos. Pergunta se ele sente-se realizado como escritor, para, em seguida perguntar-lhe se alcançou a realização como homem. Pergunta-lhe de sua maior alegria como escritora, e pergunta-lhe de sua maior alegria como homem. E encerra a entrevista perguntando-lhe o que mais quer no mundo, para repetir-lhe as palavras na crônica – relato que virá depois, abolindo aspas e travessões: “O que mais quer no mundo? Primeiro, gente. A sua gente. A sua tribo. Os amigos. E depois vêm música, livros, quadros, viagens. Não nega que também gosta de si mesmo, embora não se admire” (LISPECTOR, 1999, p. 442).

A entrevista com Pablo Neruda é relâmpago; disto o leitor é informado desde o título: “Entrevista relâmpago com Pablo Neruda”. Acompanhando a mais curta de *De Corpo Inteiro* está o mais longo “abre”, talvez para complementar o caminho rumo ao entendimento do outro que teve nas palavras do diálogo em si apenas algumas setas de orientações. As quase duas páginas de texto de abertura mesclam relatos objetivos e metáforas, falam do momento do encontro e de momentos antecedentes e posteriores, contextualizam o entrevistado e sua obra – no “breve esboço sobre sua carga literária”, bem ao gosto da atividade jornalística como em poucos momentos do livro. Um “abre” bem próximo aos modelos – padrão da narrativa jornalística, abordando o quem / quando / como / onde do encontro, sem prescindir da subjetividade da entrevistadora e de suas inovações criativas. O texto oferece, em linhas rápidas, um breve auto-retrato da Clarice-entrevistadora.

A entrevista de Clarice Lispector com Pablo Neruda resultou em duas crônicas presentes no livro *A Descoberta do Mundo*. A primeira, do dia 12 de abril de 1969, intitulada “Entrevista-relâmpago com Pablo Neruda” relata o início da conversa entre Clarice e o poeta chileno. E, assim, ela escreveu:

Cheguei à porta do edifício de apartamentos, onde mora Rubem Braga e onde Pablo Neruda e sua esposa Matilde se hospedam – cheguei à porta exatamente quando o carro parava e retiravam a grande bagagem dos visitantes. O que fez Rubem dizer: “É grande a bagagem literária do poeta”. Ao que o poeta retrucou: “Minha bagagem literária deve pesar uns dois ou três quilos” (LISPECTOR, 1999, p.184).

A segunda crônica, do dia 19 de abril, do mesmo ano, recebeu o título: “Entrevista-relâmpago com Pablo Neruda (Final)” e relata, conforme o título, o final da entrevista:

- Escrever - Escrever melhora a angústia de viver?
- Sim, naturalmente. Trabalhar em teu ofício, se amas teu ofício, é celestial. Senão é infernal.
- Quem é Deus?
- Todos algumas vezes. Nada, sempre.
- Como é que você descreve um ser humano o mais completo possível?
- Político. Físico.



- Como é uma mulher bonita para você?
- Feita de mulheres. - Escreva aqui o seu poema predileto, pelo menos predileto neste momento.
- Estou escrevendo. Você pode esperar por mim dez anos? (...) Quanto tempo gostaria você de ficar no Brasil?
- Um ano, mas dependo de meus trabalhos. E assim terminou uma entrevista com Pablo Neruda. Antes falasse de mais. Eu poderia prolongá-la como resposta uma única seta de resposta. Mas era a primeira entrevista que ele daria no dia seguinte à sua chegada, e sei quanto uma entrevista pode ser cansativa. Espontaneamente, deu-me um livro, Cem sonetos de amor. E depois de meu nome, na dedicatória, assinou: “De seu amigo Pablo!” Eu também sinto que ele poderia se tornar meu amigo, se as circunstâncias facilitassem. Na contracapa do livro diz: “Um todo manifestado com uma espécie de sensualidade casta e pagã: o amor como uma vocação do homem e a poesia como sua tarefa”. Eis um retrato de corpo inteiro de Pablo Neruda nestas últimas frases” (LISPECTOR, 1999, p. 185-187).

O diálogo possível entre Clarice Lispector e Marques Rabêlo é verificado em *De Corpo Inteiro* e *A descoberta do Mundo*. Na entrevista, é revelado que uma das últimas alegrias de Marques Rabêlo fora aquele momento: “Eu soube que uma das últimas alegrias que teve antes de morrer foi esta entrevista” (LISPECTOR, 1999b, p. 33).

Clarice-entrevistadora prova o entrevistado a revelar-se e inicia mostrando suas impressões sobre o escritor: “Quando abri a porta para Marques Rabêlo entrar era o mesmo que eu conhecia há anos: cabelos à escovinha, olhar rápido e malicioso. Mas havia uma coisa nova o seu rosto: mais bondade do que antes, o que certamente a vida vinha lhe ensinando.” (LISPECTOR, 1999b, p. 33)

Na crônica do dia 30 de junho de 1973, intitulada “Um romancista”, Clarice Lispector relata as mesmas informações sobre Marques Rabêlo, contidas nas entrevistas. Observe o primeiro parágrafo do texto-crônica: “Marques Rabêlo tem o mesmo cabelo cortado à escovinha do tempo em que eu o conheci, o olhar rápido e malicioso. Mas há uma coisa nova no seu rosto: mais bondade do que antes, o que certamente a vida lhe veio ensinando” (LISPECTOR, 1999, p. 467).

A necessidade de conhecer e compreender o processo criativo, colocada a todos os entrevistados – e a mais alguns – recorrente nos espaços da obra da escritora (os romances e contos) e da jornalista (as crônicas), Clarice verbaliza-o em sua pergunta ao romancista Marques Rabêlo: “E a gente escreve às vezes por obstinação. Mas é uma obstinação vital. Você trabalha só quando está inspirado ou tem uma disciplina?” (LISPECTOR, 1999b, p. 34).

E na resposta de Marques Rabêlo à Clarice figura a busca do encontro com o outro através da palavra, da mensagem, que é do escritor e também da jornalista, no exercício do diálogo possível visando à interação criadora. Há uma inversão formal da entrevista. Inversão esta que, na maior parte das vezes, enriquece a dimensão do encontro, pois a interação criadora pressupõe atitude e mudança dos dois lados. O entrevistado pergunta, Clarice responde:

- Trabalho por uma disciplina: escrevo sempre, mesmo que seja para jogar fora ou refazer trinta vezes. Reescrever é mais importante que escrever, não é, Clarice?

- Minha situação é outra: eu acrescento ou corto, mas não reescrevo.
- Você escreveu “uma galinha” assim? Porque me parece fruto de um trabalho enorme.
- Escrevi “uma galinha” entre meia hora ou quarenta minutos, o tempo de bater na máquina. Daí o meu espanto quando vejo esse conto republicado tantas vezes. Você trabalha de manhã, de tarde ou de noite? (LISPECTOR, 1999b, p. 34-35).

A última entrevista a ser analisada neste artigo é o encontro com Tom Jobim, narrado em *A Descoberta do Mundo*, nas crônicas: “Conversa meio a sério com Tom Jobim (I)”, de 3 de julho; “Conversando a sério com Tom Jobim (II)”, de 10 de julho e “Conversando meio a sério com Tom Jobim (III)”, de 17 de julho, escritas em 1971.

O encontro estabelece-se numa cumplicidade rara, já desde o começo “quase imediato” da entrevista; e, ao final da leitura, vai sobressair-se não o olhar da entrevistadora sobre o entrevistado, nem mesmo o olhar – invertido – do entrevistado sobre a entrevistadora. É um encontro em primeira pessoa do plural. Clarice tenta passar para o leitor uma identificação em “nó” – Clarice e Tom – que se dá em decorrência de impressões, intuições e sentidos despertados pelo devir das palavras; prescindindo quase da razão, pois Tom Jobim é – e o diz rindo – o músico que acredita em palavras e Clarice, a escritora que considera o som da música imprescindível para o ser humano. Clarice, em seu “abre”, narra os contatos anteriores com o entrevistado e, brevemente, suas impressões sobre ele. Com pressa em começar expõe o encontro marcado: “Um uísque na mesa e começamos quase imediatamente a entrevista” (LISPECTOR, 1999, p. 118).

No começo da entrevista e em vários outros momentos, como no encontro com Chico Buarque, mais que entrevistado e entrevistadora tornam-se dois interlocutores ligados ao tema da conversa com igual concentração e equivalentes interesses; nestes momentos o diálogo é regido quase apenas pelas regras implícitas do diálogo informal, reduzindo-se ao mínimo possível a diferença entre os papéis dos dois interlocutores. A marca de um texto jornalístico continua principalmente pela presença sempre implícita do terceiro elemento do diálogo, o leitor, em nome de quem se constrói o retrato de impressões deste encontro:

**- Como você encara o problema da maturidade?**

Tem um verso do Drummond que diz: “A madureza, esta horrível prenda...”, Não sei, Clarice, a gente fica mais capaz, mas também mais exigente.

- **Não faz mal, Tom, a gente exige bem.** (LISPECTOR, 1999b, p. 118).

Na crônica “Conversa meio a sério com Tom Jobim (I)”, Clarice Lispector narra o referido encontro:

Um dia, faz algum tempo, Tom veio me visitar: há anos que não nos víamos. Era o mesmo Tom: bonito, simpático, com o ar de pureza que ele tem, com os cabelos meio caídos na testa. Um uísque e conversa que foi ficando mais séria. Reproduzirei literalmente nossos diálogos (tomei notas, ele não se incomodou).

- Tom, como é que você encara o problema da maturidade?

- Tem um verso do Drummond que diz: “A madureza, esta horrível prenda...”, Não sei, Clarice, a gente fica mais capaz, mas também mais exigente.
- Não faz mal, a gente exige bem (LISPECTOR, 1999, p. 358).

E a entrevista continua apresentando as impressões dos interlocutores Clarice/Tom Jobim:

- (...) porque sinto uma espécie de falta de tempo da humanidade – o que vai entrar mesmo é a leitura dinâmica. Que é que você acha?
- Sofro se isto acontecer, que alguém me leia apenas no método do vira-página dinâmico. Escrevo com amor e atenção e ternura e dor e pesquisa, e queria de volta, como mínimo, uma atenção e um interesse como o seu, Tom. E no entanto o cômico é que eu não tenho mais paciência de ler ficção.
- Mas aí você está se negando, Clarice!
- Não, meus livros felizmente para mim não são superlotados de fatos, e sim da repercussão dos fatos no indivíduo. Há quem diga que a literatura e a música vão acabar. Sabe quem disse? Henry Miller. Não sei se ele queria dizer para já ou para daqui a trezentos ou quinhentos anos. Mas eu acho que nunca acabarão (LISPECTOR, 1999b, p. 119).

Clarice Lispector redige na crônica:

- Sofro se isso acontecer, que alguém leia meus livros apenas no método do vira-depressa-a-página dinâmica. Escrevi-os com amor, atenção, dor e pesquisa, e queria de volta como mínimo uma atenção completa. Uma atenção e um interesse como o seu, Tom. E no entanto o cômico é que eu não tenho mais paciência de ler ficção.
- Mas aí você está se negando, Clarice!
- Não, meus livros, felizmente para mim, não são superlotados de fatos, e sim da repercussão dos fatos no indivíduo. Há quem diga que a música e a literatura vão acabar. Sabe quem disse isso? Henry Miller. Não se ele queria dizer para já ou para daqui a 300 ou 500 anos. Mas eu acho que nunca acabarão. (LISPECTOR, 1999, p. 358-359).

Também a repercussão dos fatos nos indivíduos, marca indelével de sua obra literária, preenche a atuação da Clarice-jornalista ao debruçar-se sobre o ser-outro em seu cotidiano. E, por suscitar questões essenciais e permanentes, a atualidade deste discurso jornalístico fica, mesmo quando os fatos que o motivaram passam. A pluralização da primeira pessoa faz-se notar no conteúdo do diálogo e na forma como se expressam, Tom e Clarice, em sintonia quase perfeita:

- (..) A nossa, Clarice, é uma arte que denuncia.
- Para quem você faz música e para quem eu escrevo?
- Acho que não nos foi perguntado nada a respeito, e, desprevenidos, ouvimos no entanto a música e a palavra, sem tê-las realmente aprendido de ninguém. Não nos coube a escolha: você e eu trabalhamos sob uma inspiração. De nossa ingrata argila de que é feito o gesso, ingrata mesmo para conosco (LISPECTOR,

1999b, p. 121).

É possível notar esta pluralização da primeira pessoa, também, no texto-crônica “Conversando a sério com Tom Jobim (II)”:

(...) A nossa é uma arte que denuncia. Tenho sinfonias e músicas de Câmara que não vêm à tona. - Você não acha que é seu dever o de fazer música que sua alma pede? Pelas coisas que você disse, suponho que significa que o nosso melhor está dito para as elites?

- Evidentemente que nós, para nos expressarmos, temos que recorrer à linguagem das elites, elites estas que não existem no Brasil... Eis o grande drama de Carlos Drummond de Andrade e Vila-Lobos.

- Para quem você faz música e para quem eu escrevo, Tom?

- Acho que não nos foi perguntado nada a respeito e, desprevenidos, ouvimos no entanto a música e a palavra, sem tê-las realmente aprendido de ninguém. Não nos coube a escolha: você e eu trabalhamos sob uma inspiração. (...) (LISPECTOR, 1999, p. 360).

A peculiaridade desta entrevista, seu tom quase confessional e a harmônica mistura de assuntos – muito mais repercussões do que fatos – não escapam à percepção da entrevistadora: “Estou simplesmente misturando tudo, mas não é culpa minha, Tom, nem sua: é que esta entrevista foi se tornando meio psicodélica” (LISPECTOR, 1999b, p. 122).

Não escapam à percepção, também, da cronista Clarice Lispector:

Vou confessar a você, Tom, sem o menor vestígio de mentira: sinto que se eu tivesse tido coragem mesmo, eu já teria atravessado a minha porta, e sem medo de que me chamassem de louca (...). Em resumo e sem vaidade: estou simplesmente dizendo que nós dois temos uma vocação a cumprir. Com se processa em você a elaboração musical que termina em criação? Estou simplesmente misturando tudo, mas não é culpa minha, Tom, nem sua: é que nossa conversa está meio psicodélica (LISPECTOR, 1999, p. 361).

A Tom Jobim, Clarice propõe a sua trilogia de perguntas, assumindo-a como “clássica”: “- Vou agora lhe fazer as minhas três perguntas clássicas. Qual é a coisa mais importante do mundo? Qual é a coisa mais importante para a pessoa como indivíduo? E o que é o amor?” (LISPECTOR, 1999b, p. 124).

Às questões “clássicas”, Tom Jobim responde e Clarice Lispector relata na crônica “Conversa meio a sério com Tom Jobim (III)”, de *A Descoberta do Mundo*:

- A coisa mais importante do mundo é o amor, a coisa mais importante para a pessoa como indivíduo é a integridade da alma, mesmo que no exterior ela pareça suja. Quando ela diz sim, é sim, quando ela diz não, é não. E durma-se com um barulho desses. Apesar de todos os santos, apesar de todos os dólares. Quanto ao

que é o amor, amor é se dar, se dar. Dar-se não de acordo com o seu eu – muita gente pensa que está se dando e não está dando nada – mas de acordo com o eu do ente amado. Quem não se dá, a si próprio detesta, e a si próprio se castra. Amor sozinho é besteira (LISPECTOR, 1999, p. 363).

Como vimos na ficção, a linguagem é a forma pela qual Clarice Lispector aventura-se em busca da essência, do enigma, do “que está atrás do pensamento”. Tão amplo é o seu universo – real e imaginário – e tão profunda é a sua inquietação que cria vozes múltiplas – autor, narrador, personagem – a interagirem seguindo o “fluxo da consciência”; nestes diálogos entre vozes ficcionais, a palavra é levada ao seu limite e questionada ela própria, enquanto vêm à tona questões acerca da existência, do ato criativo, da fugacidade do instante.

Afirmamos que, ao voltar-se para o “outro ficcional”, Clarice Lispector está em busca do ser em sua forma plena – sugerindo uma busca de si mesma. E, por fim, dissemos que esta constante busca pelo ser em essência transborda de sua criatividade literária; e desta busca, sua atuação jornalística se deixa embeber, seja nas crônicas, seja nas entrevistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo o caminho trilhado no decorrer deste artigo, acreditamos ter logrado apontar, nas entrevistas de *De Corpo Inteiro* e nas crônicas, de *A descoberta do mundo*, marcas de uma complexa e dinâmica relação entre jornalismo e literatura – fenômenos de naturezas distintas, sem dúvida, mas não opostas.

Duas atividades com objetivos e expressões diferentes, de cujo encontro, comungando da mesma matéria - prima (a palavra escrita), resultam, via de regra, textos de valor inestimável, independente do suporte onde se abrigam; guiados pelo compromisso jornalístico de retratar a realidade e enriquecidos pela potencialidade sem limites do ato criador artístico, dão-se tanto às páginas recicladas dos jornais quanto à luxuosa encadernação das obras literárias. E, mais especificamente, acreditamos ter apontado dentro desta interação tão rica e complexa, o espaço da entrevista-gênero jornalístico, o “diálogo possível”, que - ao lado da crônica, da reportagem, do livro-reportagem e de quaisquer outros textos onde se possa notar a confluência entre dois fenômenos - preenche o campo interseccional entre as searas jornalística e literária, guardando, de uma e de outra, características complementares na tarefa de desvendar e retratar o universo singular do *ser-outro*.

Na análise destes “diálogos possíveis” e dos textos-crônicas equivalentes, acreditamos ter apontado elementos de “interação criadora” transcrita em retratos escritos onde transborda a busca pela essência “atrás do pensamento”, marca de vida e de obra – literária e jornalística – de Clarice Lispector.

## REFERÊNCIAS

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector - Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Editora Nova

Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In.: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

FERREIRA, Tereza Cristina Monteiro. *Eu sou uma pergunta – uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GARCIA, Celina Fontenele. *A Poética do Memorialismo: diálogos com Philippe Lejeune*. Fortaleza: EDUFC, 2006.

GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice – Uma vida que se conta*. 5 a ed. São Paulo: Ática, 1995.

GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de Leitura: A hora da estrela*. São Paulo: Ática, 1998.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Paris: Seuil, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1993.

\_\_\_\_\_. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

\_\_\_\_\_. *Água viva*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

\_\_\_\_\_. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. *O lustre*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.

\_\_\_\_\_. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Descoberta do Mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. *De Corpo Inteiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector Jornalista: páginas femininas & outras páginas*. São Paulo: Editora SENAC, 2006.

SÁ, Olga. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. *Clarice Lispector – a travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1999.

VIEIRA, Telma Maria. *Clarice Lispector – uma leitura instigante*. São Paulo: Annablume, 1998.

**Mônica Maria Feitosa Braga Gentil**

---

Doutora em Estudos Literários pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Mestre em Letras e Especialista em Investigação Literária pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora



Efetiva DE, da Universidade Estadual do Piauí (UESP). Dirigente do Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa - GELLP/UESPI. Membro-sócia do MIL (Movimento Internacional Lusófono) - Lisboa-PT. monicagentil@pcs.uespi.br

**Maria Luísa de Castro Soares**

---

Doutora em Literatura Portuguesa PhD, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - UTAD (2000). Professora Auxiliar com Agregação UTAD. Investigadora do CECH (Centro de Estudos Clássicos e Humanístico - UC), do CEL (Centro de Estudos de Letras - UTAD e Sócio Honorário do MIL (Movimento Internacional Lusófono). Colaboradora estrangeira do Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa - GELLP da UESPI. Isoares@utad.pt

*Recebido em 15/28/2020.*

*Aceito em 20/09/2020*